

Considerações acerca do discurso científico na Teosofia Moderna

Natana Alvina Botezini¹

Resumo

Este artigo objetiva explorar a dimensão científica presente no discurso proferido pela Teosofia Moderna. A fim de problematizar tal questão, optou-se pelo método etnográfico, bem como pela análise de obras Teosóficas. A reflexão etnográfica guiou-se através do trabalho de campo realizado em palestras públicas oferecidas semanalmente pela Loja Teosófica Dharma, localizada na cidade de Porto Alegre-RS. A partir da união entre análise etnográfica e pesquisa bibliográfica, buscou-se traçar um paralelo entre a perspectiva esotérica que atua na cosmologia teosófica moderna, e o discurso correlacionado à modernidade no que tange a construção do conhecimento. Ademais, esta pesquisa pretende traçar uma discussão que abarque a efervescência de religiosidades esotéricas, gnósticas e místicas no decorrer do processo de modernização das sociedades ocidentais; e levantar algumas reflexões acerca das teorias de secularização e declínio do religioso no período supracitado.

Palavras-chave: Teosofia Moderna. Esoterismo. Ciência. Modernidade.

Abstract

This paper aims to explore the scientific dimension in the discourse of Modern Theosophy. In order to discuss it, we opted by the ethnographical method as well as the analysis of theosophical writings. Ethnographical reflexion was guided by fieldwork in public lecturers weekly offered by Dharma - a theosophical temple situated in Porto Alegre city, Rio Grande do Sul, Brazil. By the connection between ethnographical analysis and literature research, we traced a parallel between the esoteric perspective, which is present in the modern theosophical cosmology, and the discourse of knowledge construction in the modern era. In addition, this research intends to include a discussion on the effervescence of esoteric, gnostic and mystical religiosities in the process of modernization of Western societies; and to reflect upon the secularization thesis and the decline of religiosity in the period cited above.

Keywords: Modern Theosophy. Esoterism. Science. Modernity.

Introdução

Esta reflexão apresenta como ponto de partida as observações etnográficas vivenciadas durante o período de cinco meses de pesquisa entre participantes de palestras públicas que abarcam diversos temas concernentes à Teosofia Moderna, a saber, sistematizada por Helena Petrovna Blavatsky. Destas palestras participam

¹Mestranda em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Bacharela em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Maria.

membros e indivíduos sem filiação à Sociedade Teosófica, mas que através de deslocamentos religiosos, têm a possibilidade de acrescentar o conhecimento disposto pela Teosofia em seu cotidiano e vivência religiosa.

A partir das observações de campo e da pesquisa bibliográfica, deparei-me com uma característica interessante e constantemente presente no discurso esotérico. Uma repulsa ao modelo de sociedade e ciência advindos do processo de modernização e racionalismo; e simultaneamente, uma apropriação discursiva, epistemológica e metodológica características da ciência positivista. Tal constatação originou a análise empreendida a seguir.

Além de uma breve exploração do conhecimento teosófico num primeiro momento, serão trazidas à tona questões relativas ao processo de troca e trânsito que o esoterismo ocidental descrito por Faivre (1994) realizou durante todo o processo de modernização das sociedades ocidentais (HERVIEU-LÉGER, 2009) como um contra-discurso (CARVALHO, 2006) e de que forma o individualismo como um componente expressivo da modernidade, impulsionou um crescimento da noção de *self* - enquanto crença na consciência individual em contato com o sagrado - na reconfiguração do religioso para a propulsão de gnoses e de novos movimentos religiosos.

Considerações acerca da Teosofia e da etnografia entre teósofos e teosofistas

De forma geral, Teosofia, ou *Theosophia* significa Sabedoria Divina². É interpretada pelos interlocutores como a ciência que busca compreender a religião³. Esta palavra permite duas conotações: “a secundária, que corresponde a um sistema de pensamento filosófico, e a primária, que depende de uma percepção interior” (COOPER, 1994, p.8). Constitui um “corpo de Verdade⁴ que forma a base de todas as religiões e que, portanto, não pode ser reivindicado como posse exclusiva de nenhuma.”⁵ Desta forma, possui como princípio norteador a busca da Verdade - presente na natureza e no homem - enquanto essência da manifestação divina na expressão religiosa. Relativo à sua composição, pode-se dizer que é composta da

²A opção em utilizar iniciais maiúsculas se deu, para uma maior aproximação do contexto nativo.

³Geralmente define-se como religião as crenças (judaísmo, confucionismo, bramanismo, budismo, cristianismo, islamismo) cuja compreensão do mundo propõe uma ética na qual o indivíduo escolheria, com maior ou menor grau de autoconsciência, o caminho de sua “salvação”. (ORTIZ, 2006, p.60)

⁴Verdade é cunhada aqui em maiúscula pelo teor de significância que possui para o grupo. Esta palavra quando denota as verdades últimas do universo e do homem é sempre grafada em maiúscula.

⁵Fonte: Folder de divulgação da Loja Dharma, Nov/Dez 2013.

união entre diversos sistemas religiosos, como hinduísmo, budismo, cristianismo, mas mantém-se muito próxima ao ocultismo e, conseqüentemente, do esoterismo moderno ocidental.

Conforme o discurso oficial da organização, a Teosofia manifestou-se inicialmente em “Alexandria, no Egito, no século III d.C. por Amônio Saccas e seu discípulo Plotino que eram filósofos neo-platônicos”⁶, os quais fundaram a Escola Teosófica Eclética. Esta Escola foi sucedida na modernidade pela Sociedade Teosófica, fundada em 1875 em Nova York por Helena Petrovna Blavatsky (1831-1891), Henry Steel Olcott (1832-1907) e William Quan Judge (1851-1896).

A ST⁷ possui três objetivos a partir dos quais estrutura-se todo o leque de conhecimentos expressos nas obras que orientam a Teosofia Moderna (*A Doutrina Secreta* e *Ísis sem Veu*, ambas de Blavatsky); e o funcionamento das Lojas presentes em mais de sessenta países no mundo. Estes objetivos são: 1º Formar um núcleo da Fraternidade Universal da Humanidade, sem distinção de raça, credo, casta ou cor; 2º Encorajar o estudo de Religião Comparada, Filosofia e Ciência; 3º Investigar as leis não explicadas da Natureza e os poderes latentes do homem⁸. A aprovação destes objetivos é a condição para se tornar um membro institucionalizado da ST.

Seu lema, “Não há religião superior à Verdade”, revela a não-devoção a dogmas e crenças impositivas, mas sim, ao estudo intuitivo que desemboca mais tarde em uma crença fundamentada na experiência pessoal. A aspiração por um princípio manifesto nas leis gerais e divinas da natureza, do universo e, conseqüentemente do homem, revelam que há uma concepção holística envolvendo as diversas formas de existência e as mais variadas dimensões energéticas e vibratórias universais nesta corrente de pensamento. É esta concepção de interligação entre homem e natureza um dos principais pontos de crítica à dicotomia criada pelo pensamento racional moderno.

A respeito da etnografia e da pesquisa propriamente dita, é imperativo lembrar que sua realização foi possível apenas em decorrência do aceite da presidente da Loja Dharma. O trabalho de campo iniciou-se no mês de setembro de 2013 estendendo-se até dezembro desse mesmo ano. No decorrer desse período, participei das palestras públicas semanais observando suas dinâmicas e quem são

⁶Disponível em: <http://www.sociedadeteosofica.org.br/>. Acesso em: 17 de Nov. 2013.

⁷Sociedade Teosófica.

⁸Disponível em: <http://www.sociedadeteosofica.org.br/>. Acesso em: 17 de Nov.2013.

seus participantes. A respeito destes, contemplam um grupo de aproximadamente trinta (30) pessoas por encontro; variam de maneira equilibrada em sexo; todos são brancos; a grande maioria com idade superior a quarenta (40) anos; cerca da metade destes possui ensino superior completo em áreas como Medicina, História, Filosofia, Direito e Física, Engenharia e Informática.

Entre esses participantes há teósofos e teosofias. Essas categorias compõem uma distinção importante. O teósofo é alguém ligado à cultura da Teosofia sem possuir o vínculo institucional, enquanto o teosofista é aquele que se vincula à ST ou “acompanha seu ensinamento” (COOPER, 1994, p. 31).

A respeito das palestras, cada uma possui um título que oferece aos participantes uma ideia básica do tema a ser tratado. Por exemplo, *Autenticidade e mística da senda do autoconhecimento*; *O segredo da conquista do Reino Espiritual*; *O caminho do Yoga*; *Os nomes de Jacó*; *A Paramita Dâna*; *Um olhar sobre a Teosofia*; *A visão budista sobre a felicidade*; foram as intitulações das palestras realizadas entre os meses de novembro e dezembro de 2013. Os temas tratados nos encontros são variados e incluem uma vasta diversidade religiosa, porém concernentes à Teosofia.

Quanto aos palestrantes, são convidados a explicar acerca de temas de seu conhecimento religioso prévio. Como a ST não exclui a possibilidade dos estudantes tomarem contato com outras filosofias e religiosidades (muito pelo contrário, há um grande incentivo ao conhecimento da diversidade do campo religioso para um conhecimento calcado na comparação das gnosés religiosas), alguns dos encontros traziam temáticas budistas, cristãs, hinduístas, dentre outras.

Relativo ao espaço da Loja⁹, observei que é dividido em três salas. Uma delas onde são realizadas as palestras; a de entrada - que compõe uma pequena biblioteca com livros teosóficos à venda -; e uma terceira, onde há um espaço reservado para guarda de material de limpeza, dentre outros. Nas paredes há quadros com fotografias de mestres espirituais importantes para a Sociedade Teosófica como por exemplo, Helena Petrovna Blavatsky, Henry Steel Olcott, Radha Burnier, Jiddu Krishnamurti, entre outros.

A sala onde ocorrem as palestras possui uma campanha, a qual é tocada como um anúncio do início da exposição. Em uma espécie de palco, que serve também como altar, o palestrante expõe seu tema. O local de onde ele fala fica à frente do

⁹Denominação do local onde são realizados os encontros esotéricos de membros e palestras públicas.

público e possui uma pequena elevação física em relação à posição dos demais participantes. Também no espaço da sala de palestras, há cerca de cinquenta cadeiras, um quadro branco - sobre ele o símbolo da Sociedade Teosófica-, e ao lado esquerdo, um cartaz no qual está estampado o mesmo símbolo.

Teosofia e esoterismo

A Teosofia é referida como uma corrente esotérica. O esoterismo, por sua vez, designa uma série de correntes de pensamento que vislumbram conhecer o oculto, ou seja, tudo aquilo que sobressai à matéria. Enquanto um “núcleo dos conhecimentos religiosos de uma determinada cultura, é guardado por aqueles com ele envolvidos e passível de ensino e de transmissão somente àqueles comprometidos com seu sacerdócio” (PIETROFORTE apud SILVA, s.d., p.1).

O esoterismo encontra-se em um amplo conjunto de doutrinas, sistemas religiosos e corpo de crenças, como o hermetismo, o misticismo e o ocultismo, por exemplo. Há uma contraposição importante entre o que se compreende por esoterismo e exoterismo neste contexto. *Eso* define o que é interior. Assim, o termo esoterismo denota uma perspectiva de entendimento situada na existência de conhecimentos que devem ser acessíveis apenas a alguns indivíduos que estejam preparados para recebê-los e compreendê-los. Diversamente está o exoterismo, que compreende a dimensão pública e mais geral da doutrina ou corpo de crenças principalmente no que se refere a algumas práticas rituais que podem ser expressas sem restrições ao grande público (BOTEZINI apud MENDONÇA, 2000, p.7).

A dinâmica hermética¹⁰ desta corrente de pensamento se fez presente de forma bastante visível em uma das palestras das quais participei, onde ouvi a seguinte frase: “aqui todo mundo sabe que esoterismo não é para as massas” (fala de José, 2013) . Quando do início da ST, Blavatsky dirigiu *A Doutrina Secreta e Ísis sem Veu* “apenas à intelectualidade. [...] Os primeiros periódicos publicados por teosofistas destinavam-se, em primeiro lugar, aos mais eruditos, a fim de torná-los interessados nestes estudos” (COOPER, 1994, p.10).

Esoterismo é um termo que possui uma polissemia bastante ampla, porém alguns elementos fundamentais se apresentam. Por exemplo,

¹⁰“Aquilo que não se escreve, aquilo que só alguns conhecem o verdadeiro significado, mas que não se pronuncia” (SILVA, s.d.: 2).

correspondências simbólicas e reais sob todo o universo visível e invisível definem o princípio da interdependência universal. A generalidade do cosmos e sua unidade vibracional estariam presentes em todos os momentos e em todos os seres, em uma espécie de holismo. Outro elemento fundamental é a centralidade da natureza, visto que ela contém o sopro da vida. Por este motivo permeia sua presença em rituais de magia. A imaginação que permite desvendar os mistérios da natureza através de mediadores, símbolos, e de sua observação compõe outro fator essencial no esoterismo moderno. Afora isso, a transmutação simbolizando a metamorfose do espírito ao possibilitar um tipo de “segundo nascimento” espiritual, e a prática da concordância onde todas as tradições religiosas unem um conhecimento universal único e essencial, definem a filosofia esotérica (BOTEZINI, 2013, p.7).

O esoterismo constitui um importante movimento que está cada vez mais presente nas sociedades e culturas ocidentais. Sobreviveu às rupturas epistemológicas causadas pela modernidade e pelo conhecimento racional positivista além de ser caracterizado pela crítica às novas configurações impostas pela modernidade principalmente no que tange a separação das esferas (política, religiosa, econômica) e uma suposta auto-suficiência de cada uma delas.

Discurso científico na Teosofia Moderna

Em decorrência do Renascimento e do Iluminismo como movimentos filosóficos e intelectuais calcados na objetividade e observação para obtenção de conhecimento, as ciências ocultas acabaram por sofrer grande repulsa por parte da ciência moderna. Por advogarem “a existência de um saber sagrado a ser atingido para além dos caminhos e técnicas da ciência moderna” (LEÓN, s.d., p.1-2), por perseguirem um saber transcendental calcado na tradição oral¹¹ e por isso serem denunciadas como ciências do erro e do anti-racionalismo, sofreram durante muito tempo um processo de resguardo nas Sociedade Secretas, como na Maçonaria e na Ordem Rosa Cruz.

Tendo sido banido do organograma da ciência moderna composto de ideais comtianos e spencerianos por manifestar um ponto de vista diverso da construção do saber acerca do homem, da natureza e do universo proposta pela ciência racionalista, o esoterismo em geral tornou-se uma forma de contra-discurso da modernidade e de suas premissas.

¹¹“Por trás dessa palavra está a transmissão viva e direta de um conhecimento arcano e fundamental, que resiste ao trabalho do tempo precisamente por sua capacidade de renovar-se a cada geração, que o encarna em pessoas dotadas da sensibilidade que estamos chamando de esotérica. A tradição atravessa povos diferentes e épocas diferentes, sendo expressão de uma verdade humana supra-pessoal, à qual se associam três características importantes: unidade, relação e hierarquia.²¹ Entre tantos aspectos desse complexo conceito, a dimensão da oralidade é importante, pois de certa forma toda tradição é, em última instância, oral” (CARVALHO, 2006, p.14).

Foi através do reconhecimento de que a ciência bebeu das ciências ocultas para desenvolver seu saber¹² e da entrada da epistemologia das ciências modernas no conhecimento das ciências ocultas¹³, que o esoterismo ocidental desenvolveu algumas características metódicas para obtenção de seus objetivos. A partir deste contato, algumas críticas foram despendidas à modernidade, justamente pelo motivo do esoterismo possuir, ao contrário da primeira, um caráter totalizante e integrativo das esferas sociais e naturais.

O esoterismo apóia-se na ciência mas critica o puro racionalismo. No caso da ST, essa premissa se revela no segundo e no terceiro objetivos da instituição¹⁴, os quais buscam reintegrar o conhecimento, “de forma que não haja tendência ao dogmatismo religioso por um lado, ou ao materialismo científico pelo outro, ou ao mero racionalismo filosófico” (LINDEMAN, 2010, vídeo).

Como característica das espiritualidades esotéricas, a instituição se apresenta apenas como mediadora entre o buscador e o sagrado, porém o trabalho espiritual é desenvolvido pelo indivíduo. Este trabalho da “senda espiritual” na Teosofia, é realizado- como afirmaram-me alguns dos interlocutores- através do raciocínio lógico, científico e filosófico durante a observação das religiões comparadas. Desta forma, a Teosofia busca não se atrelar a dogmas e crenças, mas apoiar-se no resultado de experiências espirituais individuais.

“Segundo a tradição esotérica, a realidade deve ser apreendida pela experiência pessoal e não pela fé” (SILVA, s.d., p.7). Esta questão foi enfatizada repetidamente no decorrer de meus encontros com os interlocutores, os quais afirmaram veementemente que a Teosofia não se tratava de uma crença ou um campo doutrinário impositivo e que, portanto, não possuía um ponto de vista fixo acerca da Verdade. “Não defendemos dogmas. Nós apresentamos várias opções, tu leva o que tu achar melhor” (fala de Laura, 2013) ; ou “eu busco o mais plausível” (fala de Moacir, 2013) foram falas que se repetiram no decorrer do trabalho etnográfico.

A nebulosa místico-esotérica coloca-se entre o pensamento científico e religioso. Ela compartilha ideários de ambas as correntes e reordena algumas de suas

¹²A “astrologia, alquimia e cabala se assomavam à astronomia, à química e à matemática” (LEÓN, s.d., p.5).

¹³A ciência moderna também influi na formação epistemológica das ciências ocultas, por exemplo, no caso da Maçonaria, que adota como nome de Deus “O Grande Arquiteto do Universo” (Ibid.).

¹⁴**Encorajar o estudo de Religião Comparada, Filosofia e Ciência; e Investigar as leis não explicadas da Natureza e os poderes latentes no homem.**

características. Neste sentido, me apoiei em Latour (2004) para pensar os discursos de cada uma delas. Segundo o autor, para tomar um estatuto de verdade, a religião necessita estar atrelada à experiência religiosa, que também é uma experiência de verdade. Há uma capacidade performativa em suas frases: “a pessoa tem de se decidir, se envolver; talvez comprometer-se irreversivelmente” (Ibid., p.351). Este tipo de performance comunicacional não trabalha com questões de “duplo-clique”, que seria um tipo de relação onde os pressupostos contidos na informação são questionados. A ciência, por sua vez, faz uso deste tipo de comunicação como construção epistemológica de princípios e asserções. Neste sentido quando se pensa no conhecimento teosófico apreendido na etnografia e na literatura nativa, há um trânsito entre perguntas de duplo-clique - o que é possibilitado através do segundo e terceiro objetivos da ST -, e assertivas que não são questionadas, como as existência de uma energia divina universal, por exemplo.

Campo religioso e esotérico na modernidade

A manifestação do religioso, o contrário do previsto pelas teorias da secularização, não se escasseou na modernidade, ao contrário disso, assumiu novas facetas adaptando-se às novas configurações sociais e políticas desse período histórico. A expressão do esoterismo e suas variantes têm se mostrado crescente na atualidade, sendo imprescindível a realização de pesquisas preocupadas na análise e mapeamento desse fenômeno.

É interessante observar antropologicamente como o esoterismo ocidental sobreviveu às rupturas epistemológicas causadas pela modernidade e pelo conhecimento racional moderno. Caracterizando-se pela crítica às novas configurações impostas neste período, principalmente no que tange a separação das esferas (política, religiosa, econômica) e sua auto-suficiência, ele se espalhou de forma variada, modificando-se e agregando características que deram origem aos neo-esoterismos¹⁵ e aos novos movimentos religiosos, como a Nova Era, por exemplo (D'ANDREA, 2000).

Para autores como Hervieu-Léger,

¹⁵Neo-esoterismo compreende práticas variadas como “consultas ao Tarô, I-Ching, runas; aplicação de massagem ayurvédica, do-in, shiatsu; exercícios de yoga, tai-chi-chuan, liangong; sessões xamânicas, rituais de prosperidade” (MAGNANI, 1996, p.6-8), dentre outras.

a secularização não seria um processo de desaparecimento da religião em uma sociedade massivamente racionalizada, senão um processo de recomposição do religioso no seio de um movimento mais vasto de redistribuição das crenças em uma sociedade cuja condição estrutural-pelo primado que confere à mudança e à inovação- é a incerteza. Em consequência, longe de tender a abolir a religião, a sociedade moderna a convoca e estimula como uma das respostas possíveis à incerteza estrutural que a caracteriza. Os termos chaves para identificar a secularização seriam então 'recomposição' e 'reorganização' (GIMENEZ, 1996, p. 2. Tradução livre).

A modernidade implica em uma organização que diferencia e distancia as instituições. “O processo de racionalização por mais relativo e contraditório que seja, se manifesta principalmente na especialização dos diferentes domínios de atividade social. Nestas sociedades, o político e o religioso se separam; o aspecto econômico e o doméstico se dissociam; a arte, a ciência, a moral, a cultura constituem igualmente registros distintos nos quais os homens realizam sua capacidade criativa” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p.33).

Porém mesmo evocando um ideário objetivo, a modernidade transferiu suas crenças para outras dimensões explicativas da realidade. Ao negar o conhecimento religioso como base motriz das ações humanas, ela transferiu o universo simbólico e gerador de visões de mundo para a ciência e suas explicações racionalistas e individualistas. “Através desse sonho de um mundo inteiramente racionalizado pela ação humana, exprime-se um tipo particular de relação com o mundo. Este se resume numa afirmação fundamental: a da autonomia do indivíduo-sujeito, capaz de ‘fazer’ o mundo no qual ele vive e de construir ele mesmo as significações que dão sentido à sua própria existência” (Ibid., p.32).

A modernidade traz consigo uma “tendência à individualização e subjetividade das crenças religiosas” (Ibid., p. 42). É neste sentido também que Geertz (2001) buscará dialogar. O projeto de individuação da crença através da experiência religiosa, assim como da presença da religiosidade no espaço privado dos indivíduos, perfazem questões menos pessoais e mais coletivas, tornando-se assim uma ideologia social. A crença religiosa calcada no *self*, portanto, é vista não como uma expressão da consciência individual, mas coletiva e típica da modernidade.

Problematizando a questão da transformação do campo religioso na modernidade, ou, em outros termos, sua recomposição, Laplantine (2003) afirma que este movimento se deu fundamentalmente em duas direções. A primeira que afirma

fronteiras negando a modernidade. Seriam os integristas e os fundamentalismos. Em uma segunda direção estariam então, os movimentos que ignoram as fronteiras. São aqueles que articulam elementos religiosos e elementos constituintes da modernidade, compondo novas religiões por sincretismo ou mestiçagem. Movimentos religiosos por pluralização, ou seja, aqueles que ignoram as fronteiras e objetivam unir as esferas separadas pelos sistemas binaristas, possuem uma perspectiva holística unindo corpo e alma, homem e natureza, masculino e feminino. São também espiritualidades que situam-se, de acordo com o autor, entre a dimensão do religioso e do científico. De acordo com Colin Campbell,

[...] esta forma de religião (ou talvez mais propriamente, de espiritualidade) pode também ser vista como sendo bem mais parecida com o modelo oriental do que com o ocidental, por sua ênfase na natureza polimorfa da verdade, no sincretismo e no individualismo. Além disso, percebe-se que o conceito oriental de auto-aperfeiçoamento ou auto-deificação substitui a idéia ocidental de salvação; a noção de igreja é deslocada por aquela de um grupo de seguidores ligados a um líder espiritual ou guru; finalmente, a distinção entre crente e descrente é substituída pela idéia de que todos os seres existem em uma escala de espiritualidade, uma escala que pode se estender além desta vida (apud JÚNIOR, 1997, p.13).

Movimentos novas eristas, juntamente com esoterismos podem ser pensados segundo este modelo religioso. São religiosidades gnósticas que afirmam o *self* e que não tomam a institucionalização como prerrogativa para uma comunicação com o sagrado. De acordo com Troeltsch (HERVIEU-LÉGER, 1999), as religiosidades que tomam o autoconhecimento, a livre escolha individual por uma religião, a não institucionalização, e a visão do indivíduo como espelho do cosmo, podem ser compreendidas dentro de um tipo analítico que o autor denomina tipo místico. “Na perspectiva troeltschiana, o tipo místico cristaliza o princípio da religiosidade individual característica da modernidade” (Ibid.) que privilegia a experiência pessoal e não propriamente a fé e a crença.

Para Pierre Sanchis, “o campo religioso é hoje, cada vez menos, o campo das religiões, pois o homem religioso, na sua ânsia de compor um universo-para-si, sem dúvida cheio de sentido, mas de sentido-para-si, tende a não se sujeitar às definições que as instituições lhe propõem dos elementos de sua própria experiência” (SANCHIS apud PEREZ, 2000, p.31). “(...) O novo paradigma se caracteriza pela unidade, pelo espiritual, pela interioridade, pela realização de si mesmo” (SILVA, s.d., p.15).

Outro traço da crença na modernidade é que o trânsito religioso, a procura a *la carte* por alguma religiosidade dentro da grande pluralidade existente, abre espaço para “múltiplas escolhas e modalidades de pertencimentos religiosos” (STEIL, 2008, p.121).

Considerações finais

Após a reflexão iniciada a partir da relação estabelecida entre religiosidade, esoterismo, modernidade e ciência; e da análise etnográfica, foi possível constatar que a esfera esotérica assim como a religiosa estão amplamente presentes na atualidade. A ampla modificação ocorrida nas sociedades após o advento da modernidade alimentou movimentos afirmando a insuficiência de sentido que um mundo descrente e desencantado possuía.

O esoterismo traçou um contra discurso da modernidade. Ao enfatizar a importância do holismo integrativo de esferas do conhecimento, sejam elas materiais ou imateriais, esta corrente constituiu um importante movimento de mediação com o pensamento moderno e pré-moderno assim como coloca Tiryakian (apud CARVALHO, 2006, p. 7): "o movimento esotérico se coloca como uma forma de crítica constante às propostas da modernidade religiosa, mística ou espiritual, em qualquer época da história."

Integrando e articulando elementos da modernidade e da tradição, o esoterismo que fundamenta a Teosofia sustenta um método para o encontro da Verdade, que é seu principal objetivo. Este método é composto de observações sistemáticas e o resultado é passível de teste entre outros buscadores. Características como essa podem ter acabado por constituir um lócus concentrado de seguidores de classes intelectualizadas, como pôde ser percebido na etnografia, por exemplo.

De forma geral, o religioso continuou se fazendo presente no espaço público. As religiosidades do *self* em geral, intituladas de tipo místico por Troeltsch, apresentaram um crescimento significativo após o advento da modernidade e mais precisamente após o movimento de contracultura ocorrido nos anos 1960 nos EUA e em boa parte do continente europeu. Um ideário de contestação que acabou por dar origem a novos movimentos religiosos, intitulados nova eristas. A influência de movimentos de base gnóstica se apresentou politicamente naquele período no intuito de contestar a organização social vigente.

Conjuntamente à Nova Era, o esoterismo ocidental em geral apresentou grandes influências na construção e fixação de ideias que tomaram espaço na esfera política. O trânsito entre o público e o privado teve suas barreiras desfeitas ao longo da história da modernidade e o religioso agora reconfigurado, volta à cena em primeiro plano.

Referências Bibliográficas

BOTEZINI, Natana Alvina. **A relação entre alimentação e esfera mística do corpo**. XVII Jornadas sobre Alternativas Religiosas da América Latina, Porto Alegre, 2013.

CARVALHO, José Jorge de. **Uma visão antropológica do esoterismo e uma visão esotérica da antropologia**. Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, 2006.

COOPER, Irving. **Teosofia Simplificada**. Brasília: Editora Teosófica, 1994.

D'ANDREA, Anthony Albert Fischer. **O self perfeito ea nova era: individualismo e reflexividade em religiosidades pós-tradicionais**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

FAIVRE, Antoine. **O Esoterismo**. Campinas: Papirus, 1994.

GEERTZ, Clifford. O beliscão do destino: a religião como experiência, sentido, identidade e poder. GEERTZ, Clifford. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, pp. 149-165.

GIMÉNEZ, Gilberto. **El debate actual sobre modernidad y religión. Identidades religiosas y sociales en México**. Instituto Francés de América Latina/Instituto de Investigaciones Sociales - Universidad Nacional Autónoma de México: México, 1996, pp. 1-22.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. A religião despedaçada. Reflexões prévias sobre a modernidade religiosa. In: HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e convertido: A religião em movimento**. Petrópolis: Vozes, 2008. pp. 31-56.

JÚNIOR, Cesar Alberto Ranquetat. Reflexões antropológicas sobre a religião na modernidade: declínio ou reconfiguração do religioso? **Interações: Cultura e Comunidade**, v. 4, n. 5, 2009, pp. 99-110.

LAPLANTINE, François. Penser anthropologiquement La religion. **Anthropologie et sociétés**, v. 27, n. 1, 2003, pp. 11-33.

LATOUR, Bruno. " Não congelarás a imagem", ou: como não desentender o debate ciência-religião. **Mana**, v. 10, n. 2, 2004, pp. 349-375.

LEÓN, Adriano de. **Ciências Ocultas: os traços do discurso esotérico na Ciência Moderna**. Disponível em: <http://www.naya.org.ar/religion/XJornadas/pdf/9/9-leon.pdf>. Acesso em: 26 de janeiro de 2014.

MAGNANI, Guilherme José Cantor. O neo-esoterismo na cidade. **Revista USP**, nº. 31-32, 1996, pp 6-15.

RESENDE, Marcos. Editorial: O poder transformador da Verdade. In: SOCIEDADE TEOSÓFICA NO BRASIL. **Revista Theosophia: O futuro é agora**. Ano 102, Jul/Ago/Set, 2013, pp. 5-7.

SANCHIS, Pierre. Desencanto e formas contemporâneas do religioso. **Ciencias sociales y religión/Ciências sociais e religião**, v. 3, n. 3, p. 27-43, 2007.

SILVA, Magnólia Gibson Cabral. Saber Esotérico e Cultura Ocidental Moderna. **XI Congresso Brasileiro de Sociologia**, 2003.

STEIL, Carlos Alberto; CARNEIRO, Sandra de Sá. Peregrinação, turismo e nova era: caminhos de Santiago de Compostela no Brasil. **Religião & Sociedade**, v. 28, n. 1, 2008, pp. 105-124.

Outras fontes

LINDEMAN, Ricardo. **O que é a Sociedade Teosófica?** Vídeo. 2010. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=aE8MW2Nqc0E>> .Acesso em: 25 de jan. 2014.